

A TEMÁTICA DA MORTE E SEUS ENTRELACES COM A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE POLICIAIS MILITARES

Alessandra Caroline Ortiz Zimmerman (autora); Alberto Manuel Quintana (orientador); e Cristiane Sperling Elesbão (co-orientadora)

RESUMO

Enquanto seres humanos estamos fadados a morte, ao sermos constituídos por um corpo biológico que, assim como nasceu e está em crescimento, tem de morrer para a continuidade da espécie, encerrando com o seu falecimento, um ciclo de vida. Apesar disso, em função de ser característica de nossa sociedade atual, tendemos a não encará-la enquanto um processo natural. Várias profissões deparam-se diariamente com esse fenômeno, mas não possuem espaço para falar acerca de seus sentimentos e concepções sobre a morte. A atuação dos Policiais Militares (PMs) é um exemplo disso, além de terem de conviver com uma rotina de pouco descanso e sob a necessidade de estar sempre subjugado à ordens superiores.

Palavras-Chave: Morte; Policia Militar; Psicologia.

INTRODUÇÃO

Diferenciamo-nos dos demais seres vivos, na medida em que somos dotados de funções mentais diferentes e mais sofisticadas, como pensar, falar e se emocionar. Com isso, não apenas nascemos, comemos e nos reproduzimos, mas produzimos disso vivências, ou seja, dotamos os acontecimentos de nossas vidas de significados. Com a morte não é diferente, apesar de não podermos significá-la após termos passado por ela, nos utilizando, assim, da morte de outros, dos nossos entes queridos e, também de outros recursos, como a religião e a ciência para tentar entender nossa finitude (COELHO, F.J.F. & FALCÃO, E.B.M.; SCHRAMM, F.R., 2002).

Apesar da vida estar ao lado da morte, ou seja, de integrarem um mesmo processo que é o de existir, a sociedade atual demonstra não lidar tão bem com tal fato, justamente por não poder obter o que SCHRAMM (2002) chama de “experiência direta” da morte. Assim, quando alguém põe-se a pensar sobre a morte, isso pode desestabilizar o sujeito emocionalmente, à medida que sente-se desamparado, ao ter consciência de que não há como reverter o processo de finitude humana.

Considerando que as formas de violência crescem cotidianamente e que a morte, muitas vezes, é antecipada para algumas pessoas pela vulnerabilidade encontrada diante de situações violentas, o trabalho do Policial Militar (PM) passa a ser permeado por essa temática, uma vez que é este profissional o responsável por lidar com as questões de violência e segurança social. Aqui fala-se tanto da morte por ele provocada, da morte escancarada, na medida em que é chamado para atender a alguma ocorrência de acidente ou suicídio, da morte de si e dos colegas. Apesar da convivência com tal aspecto que tem se mostrado tão delicado para ser abordado, cumpre diante da morte, uma tarefa técnica, sem espaço para falar dela e/ou poder significá-la.

A partir de tais elucidações, o Projeto de Mestrado intitulado “Um Olhar Sobre a Presença da Morte no Cotidiano de Trabalho dos Policiais Militares”, busca conhecer como esses profissionais entendem a morte e reagem diante dela, considerando o que vivenciam diariamente quando em exercício de sua função.

OBJETIVO

O presente trabalho tem por objetivo discutir questões relacionadas a morte, principalmente no que se refere a dificuldade encontrada atualmente em tratar desta temática como algo natural e não desconfortante. Ainda, abarcar o trabalho dos Policiais Militares, na medida em que lidam constantemente com a morte, mas sem espaço para que se pense em como se sentem em relação a ela. Por meio do entrelace destas temáticas, apresentar um projeto de mestrado que está sendo desenvolvido em uma universidade do interior do Rio Grande do Sul e se propõe a estudar a relação entre esses dois campos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A morte é uma das temáticas mais penosas ao psiquismo humano, na medida em que nos deparamos com nossas limitações e não podemos ignorá-la. Assim, torna-se difícil falar sobre a morte, mesmo vivenciando um período em sociedade onde observa-se o crescimento da violência e da vulnerabilidade diante de situações violentas. A temática da morte não é abordada como fato cotidiano, ficando reservada a nossos espaços de formação médica, mas não educacional, assim como apontado por COELHO & FALCÃO no contexto de aulas de biologia. Encontramos um lugar para escondê-la e afastá-la, dos que, por fala de doença, estariam longe dela: esse lugar são os hospitais (DE OLIVEIRA, K.L., 2007; COELHO, F.J.F. & FALCÃO, E.B.M.).

Houve um crescimento do uso de terapêuticas medicamentosas, a fim de supor um controle sobre o processo de morrer e mantê-la sobre silêncio. Apesar disso, os profissionais que se deparam em sua rotina de trabalho com este fenômeno, como os enfermeiros, não possuem espaço para encarar com naturalidade este processo e falar sobre como encaram a morte. Os estudos apontam para a (não) convivência de profissionais professores e/ou da saúde, mas há muito pouco que indique para outras profissões que encaram diariamente o contato com pessoas que perderam a vida.

Quando se tem por ofício o trabalho com a farda, atua-se frente às limitações impostas pela lei diante da liberdade intrínseca aos cidadãos e seus grupos, devendo garantir a ordem pública (BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G., 2004). Desta forma, consiste em uma atividade onde há pouca tomada de decisão, pois cumprem ordens impostas por instâncias superiores, além de cansaço físico e altos índices de estresse, culminando em menor qualidade no desempenho do exercício profissional e aumentando os riscos para si e à população (DE OLIVEIRA K.L., 2010). A finitude acaba se tornando uma realidade presente a se defrontar, tendo que “lidar” com a morte das vítimas, daqueles que estão em conflito com a lei, dos colegas de farda e a morte de si (BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G., 2004).

Considerando que os Policiais Militares não possuem tempo fixo para descanso, atuam diante da ordem de seus superiores e frente a muitas situações de risco que envolvem contínua atenção e preparo, é importante questionar que espaço teriam também estes profissionais para pensar e significar, diante dos diferentes tipos de morte que encontram em seu cotidiano, sobre a perda dos outros e, também, sobre a sua própria morte.

Diante da falta de produções científicas envolvendo a temática da morte com esse público, sendo que a maioria dos trabalhos está voltada para a averiguação dos níveis de estresse perante a atuação do PM e, também, do interesse em coletar tais dados numa cidade central do interior do Rio Grande do Sul, foi criado o projeto de mestrado intitulado “Um Olhar Sobre a Presença da Morte no Cotidiano de Trabalho dos Policiais Militares”. Este trabalho está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, de uma universidade do interior do estado.

Utilizando o método de entrevistas coletivas ou Grupo Focal, foram realizadas um total de quatro encontros com três grupos pertencentes a duas instituições de policiamento da cidade. Com um grupo, que mostrou-se mais demandante, isto é, necessitando maior tempo para a expressão de pensamentos e sentimentos frente às questões abordadas, foi necessária a realização de dois encontros. As entrevistas tiveram duração de cerca de uma hora à uma hora e meia onde, por meio de questões previamente estruturadas, relacionadas ao fazer dos Policiais Militares diante da morte, buscou-se encontrar evidências para a questão elucidada pelo projeto. Esse teve aprovação pelo Comitê de Ética sob o número CAAE 44567115.4.0000.5346.

Buscou-se compreender, através da fala dos Policiais Militares as representações sociais que possuem perante as vivências em situações em que se defrontam com a morte. Ainda, verificar se esses sentem-se preparados para atuar diante dela e quais as estratégias que utilizam para lidar com os sentimentos que afloram nas ocorrências que envolvem óbitos. Os dados estão sendo transcritos e serão apresentados no período inicial do ano de dois mil e dezesseis (2016), onde pretende-se realizar uma devolutiva com a instituição a fim de promover um olhar também da instituição para esse trabalho diante de situações tão adversas.

CONCLUSÃO

Diante da dificuldade da sociedade contemporânea em lidar com a morte de forma natural, como ela é, visto que é um fenômeno intrínseco ao viver e, considerando que há pouco espaço para discussão desta temática, por ser compreendida enquanto um tabu, ou seja, algo que deve ser impensável e oculto, possuímos poucas possibilidades de elaborá-la. Uma vez que os Policiais Militares não possuem tempo fixo para descansar e atuam diante da ordem de seus superiores, bem como frente a muitas situações de risco que envolvem contínua atenção e preparo, podemos nos questionar sobre o momento em que estes profissionais se permitem pensar e significar, diante dos diferentes tipos de morte que encontram em seu cotidiano, a perda dos outros e, também, a possibilidade da sua própria morte. Assim, estudos tornam-se importantes, na medida em que podem servir como propulsores para a adesão de medidas para a melhora na qualidade de trabalho e vida desses profissionais.

REFERÊNCIAS

- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Brasília: *UnB*, 2004.
- COELHO, F.J.F. & FALCÃO, E.B.M. **Ensino científico e representações sociais da morte humana**. *Revista Iberoamericana de Educación* (ISSN: 1681-5653).
- DE OLIVEIRA, K.L. **Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 12, no 25, p. 224-250, set./dez. 2010.
- SCHRAMM, F.R. **Morte e finitude em nossa sociedade: implicações no ensino dos cuidados paliativos**. *Revista Brasileira de Cancerologia*, Rio de Janeiro, 48(1): 17-20, 2002.
- SHIMIZU, H.E. **Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 60(3), maio-jun; 2007.